

A Audição nos Jovens e os Ruídos de Lazer

Jose Jarjura Jorge Junior*

Pitágoras, há mais de dois mil anos, baseado nos sons produzidos pelos batimentos do martelo do ferreiro sobre a bigorna, dividiu a escala musical em oitavas. Victor Hugo já escrevia em sua novela “Quasimodo, o Corcunda de Notre Dame” que esta figura grotesca foi ensurdecida pelos “sinos que adorava tocar”. Chawdwick, D.L., (1973) pergunta: “seria seguro ouvir a Abertura da Sinfonia 1812 de Tchaickowsky?” na qual, além do vigor com que os instrumentos são tocados, também são deflagrados tiros de canhão que completam a retumbante linha melódica.

Há uma grande preocupação social relacionada com os interesses econômicos das empresas em relação as perdas auditivas ocupacionais a chamada PAIRO – Perda Auditiva Induzida por Ruído Ocupacional - que realmente afeta milhares de trabalhadores. São bem conhecidas as lesões do aparelho auditivo causadas em trabalhadores expostos a ambientes ruidosos como em tecelagens, metalúrgicas, caldeirarias, uso de britadeiras, aviação e tantas outras. Observa-se no entanto, na prática clínica, que um grande número de jovens estão ingressando no mercado de trabalho já com achados audiométricos característicos de PAIRO sem exposição prévia ao ruído ocupacional. Eles não tem conhecimento dos riscos que esta exposição pode gerar à audição e que pode impedir o seu ingresso no mercado de trabalho.

Com a evolução da eletrônica, a potência dos equipamentos de som e também dos instrumentos musicais aumentou consideravelmente. A intensidade das “músicas” nos estabelecimentos musicais chega a ser ensurdecidora, não permitindo, muitas vezes, a conversa entre pessoas. A intensidade, nestes locais, chega a 122 dB (A), ultrapassando em muito os limites de risco para audição, como por exemplo, os parâmetros adotados pelo estado da Califórnia, EUA. Os grandes grupos de “rock” carregam equipamentos de amplificação com potências de milhares de watts, ultrapassando os 120 dB (A) junto às caixas acústicas. Em 1991, durante um festival de “rock” no Rio de Janeiro (“Rock in Rio II”) os índices chegaram a apontar 150 dB (REVISTA VEJA, 1991). Hoje, novos grupos de música eletrônica, além do ruído produzido pelos instrumentos também o fazem com a voz, tornando-se ininteligí-

vel a letra da música.

A preocupação com o que está acontecendo com a audição da juventude vem desde a década de 1960 quando vários autores passaram a realizar pesquisas nesta área. Abre-se a discussão: estariam nossos jovens correndo riscos de lesão auditiva ao frequentarem discotecas ou usarem aparelhos de amplificação sonora com fones de ouvidos desde a infância?

LEBO, um dos pioneiros nestas pesquisas, em 1967 verificou que a intensidade sonora de estabelecimentos musicais em que havia música ao vivo excedia aos limites impostos pela legislação e assim descreveu o ambiente “Os principais instrumentos são guitarras amplificadas e grupo de percussão ... O som é captado por microfones e fortemente amplificado ... A música é caracterizada por padrões rítmicos fortes, coloração harmônica variada e temas simples com variações, apresentando uma gama dinâmica de sons entre “forte assai” e “fortissimo”.

LIPSCOMB (1969) realizou estudo em cobaias e demonstrou lesão coclear após exposição a ruído aproximadamente igual aos medidos em salão de danças (122 dB). Também encontrou 12.6% de 3000 jovens estudados com deficiência auditiva em frequências acima de 2000 Hz e responsabilizou sons ambientais de alta intensidade a que estão expostos, sendo o principal motivo a música “rock” pois, “discotecas e bailes de adolescentes contam com um som de perigosa alta intensidade”.

RUPP (1969) faz interessante introdução em artigo publicado em 1969, cujo título já é curioso: “Efeitos da música barulhenta em ouvidos humanos. Mas, mãe, rock-and-roll tem que ser barulhento!” Observou alteração auditiva em músicos, assim como RINTELMANN e BORUS (1968) que analisaram os limiares auditivos de 42 músicos de bandas de rock e verificaram que apresentavam alguma alteração dos limiares auditivos outros autores como SPEAKS (1970), JERGER e JERGER (1970)

Por outro lado, os equipamentos com fones de ouvidos, conhecidos como “walkman” também são fontes sonoras amplamente utilizados pelos jovens e sabemos que podem alcançar potências muito altas em seus micro alto-falantes. Seus usuários comumente elevam a intensidade para encobrir sons

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v.7, n.1. p. 37 - 38, 2005

* Professor do Departamento de Medicina - CCMB/PUC-SP
Recebido em 29/11/2004. Aceito para publicação em 24/02/2005.

externos como conversação, ruídos de trânsito ou outros ruídos ambientais. Observa-se que os jovens utilizam estes equipamentos em nível de intensidade sonora que geralmente está entre 70 e 100 dB (NA).

No Brasil encontramos estudos a este respeito desde o início da década passada envolvendo: ruídos em atividades de lazer; música eletronicamente amplificada; tríos elétricos; lazer como risco audição; bandas e tríos elétricos; músicos de orquestras sinfônicas; músicos de frevo e maracatu.

As pesquisas mostram em primeiro lugar que a maioria dos jovens têm o hábito de se expor frequentemente a música eletronicamente amplificada principalmente utilizando-se de equipamentos individuais conhecidos como “walkman” e os utilizam em intensidades realmente perigosas para a audição. Seu uso prolongado pode levar a reais prejuízos para o ouvido interno. O hábito de frequentar discotecas,

ou como hoje são mais conhecidas, “baladas”, é relativamente esporádico e demonstramos (JORGE JR, 1993) que somente os jovens que frequentam mais que uma vez por semana tais ambientes é que estão sujeitos a lesão auditiva.

Não há dúvida de que a suscetibilidade individual é um dos principais fatores responsáveis pelo aparecimento da lesão auditiva. Assim nem todos os jovens expostos apresentarão uma deficiência auditiva.

É da responsabilidade dos profissionais envolvidos em prevenção de perdas auditivas como otorrinolaringologistas, fonoaudiólogos e mesmo pediatras e clínicos gerais, não somente o alerta às populações expostas a música amplificada mas principalmente a detecção precoce dos indivíduos suscetíveis através do controle sistemático de limiares audiométricos.